

Wolfgang Fritz Haug

1968 NA ALEMANHA¹

Sabemos que o movimento de 1968 foi uma espécie de rebelião mundial, um movimento que se disseminou pelo mundo todo. Apesar de todas as diferenças, mesmo sem ter sido organizado, mesmo sem dispor de um repertório de teorias, este movimento teve aparições e manifestações de surpreendente semelhança. Para os estudos comparados sobre revolução, é um grande desafio descobrir como isso foi possível.

Na Alemanha, uma das categorias com a qual o Estado, os políticos e a imprensa avaliaram este movimento foi a categoria dos conspiradores. Do seu ponto de vista, eram apenas alguns líderes subversivos que estavam puxando as ,cordinhas, sendo que o movimento em si não passava de um bando de marionetes. Acho que, hoje em dia, com a distância, entendemos todo mundo, sobretudo quem considerava uma grande burrice avaliar o movimento desta maneira. Afinal, tratava-se de fato de um movimento social.

Então, as ciências políticas se depararam com as seguintes questões: como pôde surgir uma coisa dessas, fora de tudo o que estava ao alcance das pessoas, fora da esfera de poder de uma organização ou de um grupo de organizações? Como isso foi possível? Cem anos antes, já havia acontecido algo semelhante' o movimento de 1848, que também se espalhou pelo mundo inteiro.

Aqui, vou falar das peculiaridades alemãs. Na Alemanha, o movimento de 1968 assumiu formas próprias, que só podem ser entendidas dentro do contexto histórico do país e de sua estrutura de poder.

A constatação de que "1968" é mais uma formulação para fazer jus à mídia do que um fato histórico também se aplica ao caso da Alemanha (quando digo Alemanha, estou me

¹ From: *Rebeldes e contestadores – 1968 Brasil, França e Alemanha*, Marco Aurélio Garcia e Maria

referindo apenas à Alemanha Ocidental). A primeira passeata diferente, em que os manifestantes caminhavam de braços dados, se agachavam e saíam para pegar os policiais de surpresa e conseguir romper o cerco, aconteceu em Berlim, já no ano de 1965.

Vocês vêem, então, 1968 é uma formulação criada apenas para fazer jus à mídia, uma simplificação que, no entanto, não deixa de ser importante. Na época, o motivo de protesto foi a visita de uma verdadeira marionete política, de um assassino pago pelos europeus, Moise Tshombé², caso vocês ainda se lembrem. Quinhentos estudantes fizeram uma manifestação contra as honras prestadas a este sujeito. A propósito, uma situação bem semelhante à que, em 1967, culminou com a morte de Benno Ohnesorg. Portanto, 1968 não passa de uma espécie de logotipo, de uma marca registrada, que – como todas as marcas – não corresponde inteiramente à realidade.

Para entender a profundidade desta onda revolucionária talvez precisemos de um conceito cunhado por Sigmund Freud, adotado e adaptado por Louis Althusser (por meio de quem o conceito voltou à tona na Alemanha), ou seja, o da sobredeterminação. Para encarar esta questão de frente e entender a profundidade desta onda, é necessário se distanciar da imagem criada e continuamente propagada pela mídia. Hoje em dia, o movimento de 1968 virou um tema de diversão. Só dá para ver a espuma da onda; a onda em si se tornou invisível, pois não é apelativa, não dá audiência.

Se quisermos entender tudo isso de verdade, é necessário falarmos dessa onda. Sobredeterminação significa que diferentes pressões, possivelmente heterogêneas, se acumulam de tal forma que – em determinado momento – acabam provocando uma ruptura. Muitas dessas pressões, desses deslocamentos tectônicos, que ainda não tinham encontrado uma válvula de escape, eram comuns a todas as sociedades ocidentais. Isso levou ao que hoje em dia denominamos fordismo (na verdade, tarde demais, pois isso já passou). Havia uma cultura de massa fordista, que ainda se enfeitava com uma superestrutura dos Estados autoritários tradicionais. Isso não podia durar muito... Como é que uma sociedade organizada em torno do consumo de massa pode continuar existindo

Alice Vieira (organizadores), Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo 1999, pp. 27-33.

com rituais solenes, com valores hierárquicos do século XIX, sem que isso em algum momento culmine numa explosão? Essa foi com certeza uma das questões. Ulrich Spohn, acredito eu, disse uma coisa bem oportuna: para a história alemã, o movimento representou o fim da submissão guilhermina ou, pelo menos, o começo do fim. Após 1968, a Alemanha já não era a mesma.

Com isso, chegamos à próxima dimensão profunda, específica da Alemanha: a negação do passado nazista. Um antigo membro do Partido Nazista, hoje em dia um dos opositores profissionais do movimento, propagou o lema de que 1968 fez mais estragos do que o nazismo. Por ocasião dos 40 anos da capitulação incondicional do exército alemão, um filósofo político bastante considerado fez a seguinte declaração no Reichstag, em Berlim: no pós-guerra, a relação dos alemães com sua história sangrenta e criminoso teria sido caracterizada por um "silêncio discreto". Silêncio discreto!!! As pessoas sabiam, por meio de seus colegas e superiores, qual cargo cada um tinha assumido durante o nazismo; mesmo assim, ninguém falou nada. Para a Alemanha do pós-guerra, este silêncio em relação ao nazismo, aos seus crimes e à convivência de milhões de pessoas era uma das pressões, uma das tensões tectônicas na base da sociedade.

Neste sentido, pode-se dizer que 1968 quebrou o silêncio, mas não espontaneamente, Houve sérias conseqüências. O que foi que aconteceu?

Primeiro, 1968 mobilizou o alemão "feio". Não dá para imaginar quantos preconceitos contra o alemão "feio" foram encenados na época. As lideranças políticas e a mídia ataçaram a maioria das pessoas contra a minoria que estava protestando. A expressão usual era "macaco de cabelo comprido". Foi assim que toda uma nação rotulou a sua elite jovem, as melhores cabeças entre 18 e 30 anos: "macacos de cabelo comprido". Numa conversa de bar, era provável que as pessoas dissessem: "Ah, esqueceram de mandar esses aí para a câmara de gás": Ou então: "Se Hitler - estivesse aí, ele daria um jeito nisso rapidinho". Imaginem só! Não foi fácil... Então, quando eu digo que 1968 quebrou o silêncio em relação ao passado alemão, isso não quer dizer que tenha sido um processo pacífico. O processo não foi apenas difícil, mas também sujo. Na verdade, é

² Presidente de Congo (ex-Zaire) em 1964 e 1965, com o apoio da Bélgica e dos Estados Unidos.

como se o movimento de 1968 tivesse provocado os conservadores com uma tática de sabedoria taoísta. Aí sim passou a acontecer algo interessante. Os conservadores começaram a gritar por perseguição, emigração e execução. Por exemplo, quando Benno Ohnesorg foi assassinado, eu coloquei uma tarja preta no meu carro. Então, notei que os outros ficavam me fechando no trânsito. De repente, uns pararam e desceram, gritando: "Ei, macaco, por que é que não vai pro leste?". Ou seja, um apelo amigável para eu emigrar. Ou'então: "Por que é que não estuda direito antes?". Na época, eu era doutor em filosofia, tinha passado nos exames com sucesso e trabalhava como assistente na universidade. O silêncio se quebrou, portanto, mas – inicialmente – num movimento inverso, da forma mais infame possível, que lembrava a antiga Alemanha.

Aí sim a coisa começou a ficar interessante. Dava a impressão de que um número cada vez maior de pessoas começava a acordar e perceber que alguma coisa estava errada. A situação ficou insustentável. Sabemos que a luta taoísta não se caracteriza pela agressão frontal, mas sim pela tentativa de desequilibrar o inimigo. É como se o *establishment* tivesse entrado em colapso e percebido que era necessário se articular de uma maneira nova. Na época, se iniciou – de certa forma – um processo extremamente dinâmico de repensar as coisas. Um exemplo é o caso de Heinrich Albertz, prefeito de Berlim, onde eu morava então: ele, que tinha ordenado que a polícia usasse de violência e havia participado de forma bem atuante nos julgamentos políticos, acabou renunciando e passou o resto da vida tentando "resolver esta culpa. Ele se tornou um dos democratas mais justos, leais e amáveis. Bem, infelizmente histórias como esta não ocorreram aos montes. Mas aconteceram. Na verdade, é como se um golpe tivesse atingido a sociedade e provocado mudanças, mesmo que ninguém soubesse de imediato que estava acontecendo.

Só um romancista pode descrever o que foi aquilo. Não sei se os sociólogos dispõem de algum instrumento para expressar isso. Eu acredito que 1968 marcou o início da morte da submissão guilhermina e o rompimento do silêncio em relação aos crimes alemães na Segunda Guerra Mundial. No entanto, é necessário dizer que este processo ainda não acabou. A cada três ou quatro anos, o conflito ressurgue na imprensa e na mídia. Num período, isso se chamava "disputa dos historiadores". É sempre assim: de repente, uns

partem para a ofensiva, tentando desculpar o Reich alemão *a posteriori*. Aí, desperta -- com um certo atraso-- uma Alemanha liberal e mais social, representada por seus intelectuais, que se mantêm na defensiva. Então, se chega a algum consenso, a ser quebrado novamente alguns anos depois. As trincheiras se deslocam, mas é difícil dizer para onde. Muitas teorias oficialmente propagadas na Alemanha depois de 1945 estão prestes a ser esquecidas hoje em dia. O tabu do racismo, que já havia se estabelecido, pelo menos oficialmente, foi se enfraquecendo e perdeu praticamente toda a força durante a reunificação alemã. Por um lado, isso pode significar que a Alemanha está ficando normal. Tem os seus neonazistas, assim como outros países os seus neofascistas e extremistas de direita. Tem racismo, assim como os outros. Por outro lado, isso pode significar que... Bem, eu não sei. Vou deixar a questão em aberto. Só quero dizer que o silêncio foi rompido e as pessoas começaram a falar, como no milagre de Pentecostes. Isso implicou sérias lutas, que perduram até hoje.

Quero citar um lema corriqueiro de 1966-67 em Berlim: "Não confie em ninguém com mais de 30 anos". Em 1966, eu tinha 30 anos. Estou dizendo isso porque-- em 1968 -- a gente aprendeu que as pessoas devem se colocar como indivíduos, como sujeitos, e não fazer de conta que detêm a verdade. Eu sei exatamente que muitas pessoas, tanto de direita como de esquerda, não concordariam com o que estou dizendo. Por isso, acho importante descrever qual era a minha posição de observador. Eu tinha 30 anos e o lema era "Não confie em ninguém com mais de 30 anos". Ou seja, para mim, não deixava de ser problemático fazer parte do movimento. Eu já tinha pago o tributo da mocidade; tanto, que até hoje continuo casado com a mesma mulher. E ainda havia um outro lema: "Quem transa duas vezes com a mesma pessoa, já pertence ao *establishment*". Ou seja, para mim foi um esforço conseguir me enquadrar no movimento. Por outro lado, ele marcou toda a minha vida. Não sei o que teria sido de mim sem aquela experiência. Ela foi imensa.

Se me permitem, vou contar um pouco mais da minha vida, para mostrar de que forma eu estava envolvido no movimento. Assim como Oskar Negt, que escreveu um belo livro sobre 1968, posso dizer que não sou um "meia-oito", mas sim um "cinco-oito". Provenho do movimento antiatômico: foi este o meu despertar político. Bertrand Russel

era um deus para mim. Ainda muito jovem, fui arrancado de um meio despolitizado ou, mais especificamente, humanista conservador, e só então comecei a me politizar. Na época, o Parlamento estava debatendo a possibilidade de o exército alemão ter acesso a armas atômicas. Konrad Adenauer declarou, diante do Parlamento, que as armas atômicas não passavam de um mero desenvolvimento da artilharia. Na época, havia um grande movimento contra a aquisição de armas nucleares pelo exército alemão e os parlamentares social-democratas desenvolveram um discurso que me arrebatou. Então, me tornei membro do partido, no qual fiquei por alguns anos. Aderi ao movimento antiatômico, tornando-me rapidamente secretário das comissões contra a "morte atômica", como se dizia na época. Quando entrei para o movimento, ainda jovem, ele estava passando por uma crise. Então perguntaram: "Quem quer fazer os panfletos?", e eu me prontifiquei.

Foi assim que surgiu a primeira revista de esquerda da Alemanha ocidental, *Das Argument*, criada no mesmo ano que a *New Left Tribune*. Ela surgiu em 1959 e existe até hoje. Bem, eu me coloquei à disposição mas, no fundo, não tinha a mínima noção. Foi este projeto que me educou. Primeiro, eram as questões antiatômicas que nos entusiasmavam. Então, surgiu uma onda anti-semita e eu me vi em cima de um caminhão, em Berlim, gritando no alto-falante: "Berlinsenses, mostrem ao mundo o que vocês pensam". Nós organizamos uma manifestação e depois um congresso. A minha primeira palestra se chamava "A superação do anti-semitismo". Isso acabou por se transformar no primeiro número da revista; antes disso, só havia os panfletos. Depois, fizemos uma exposição sobre a tortura praticada pelo exército francês na Argélia. Lançamos o apelo *J'acuse* e fizemos um abaixo-assinado. Foi esta a minha formação. Aí, veio um tema atrás do outro: depois do anti-semitismo, teorias sobre o fascismo. Para entender o fascismo, tínhamos de estudar um pouco o caráter social, o caráter sexual, o caráter autoritário. Então, fomos ler *O caráter autoritário*, fomos ler Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Dois outros números da revista tinham como tema: "Sexualidade e dominação". Na época, isso causou gargalhadas, pois ninguém falava disso. Houve uma tiragem de 600 ou 700 exemplares. No entanto, imaginem só, tanto a quinta como a sexta edição tiveram uma tiragem de 5.000. O que foi que aconteceu?

No início da década de 1960, havíamos agrupado organicamente os seguintes temas, sem saber direito por quê: sexualidade e dominação, fascismo e anti-semitismo, problemas dos países subdesenvolvidos, educação e escola (pois, em nossa visão, era lá que se formava o caráter autoritário), meios de comunicação de massa e manipulação (pois é assim que o caráter autoritário é reproduzido e a vida política neutra- , lizada por trás da fachada de uma democracia formal). Este era o nosso repertório.

O movimento estudantil, que estava surgindo, acabou descobrindo a revista, a única revista de esquerda deste tipo na Alemanha. Então veio a segunda edição, quatro vezes maior do que a primeira. Depois a terceira, cinco vezes maior do que a primeira. De repente, tomamos impulso. Inimaginável! Estávamos acostumados a ser um pequeno grupo, sem relevância alguma, a teorizar para nós mesmos'. Aos poucos, começaram a surgir muitos seguidores. Na França, por exemplo, dois grupos criaram uma polêmica sobre a tradução do título *Sexualität und Herrschaft: Sexualité et Domination* ou *Sexualité et Répression*. Com isso, prestamos os nossos agradecimentos à França. O nome da revista foi derivado do grupo Argument. Alguém deste grupo tinha estado no Instituto Francês, em Berlim, e propagou idéias que deram frutos. Até hoje, pois a revista já existe há 40 anos.

Foi assim que entrei para o movimento: como coordenador, redator e editor de uma revista que antecipou quase 100% da temática encampada pelo movimento. É um caso inédito: sem qualquer plano, de forma surpreendente, impulsionado pela relevância de algo que – a princípio – parecia supérfluo. É claro que o meu papel dentro do movimento era ambíguo. Como Oskar Negt, posso dizer que acompanhei e defendi o movimento em público mas, lá dentro, sempre critiquei e passei por momentos delicados. Em meio a uma multidão inflamada, é difícil apelar à sensatez dos ouvintes ou a argumentos racionais, pouco emocionais. Talvez seja isso que me permita reconhecer, até hoje, sem qualquer restrição, a grandeza e o significado histórico desse movimento.

Hoje em dia, isso é necessário. É preciso defender o movimento contra os seus antigos adeptos. No mundo inteiro, está se espalhando uma onda de "conversão" dos antigos integrantes do movimento, uma verdadeira praga. Eles estão por exemplo no Partido

Socialista e em outros partidos de esquerda. E estão também entre os neoliberais. No jornal *Frankfurter Allgemeine*, toda semana alguém escreve uma página de baboseira sobre o assunto, sendo muito bem-pago, por sinal. Esta baboseira virou um negócio político diário. Sabem de uma coisa? O desemprego de 4 milhões de pessoas, tirando os milhões que não aparecem nas estatísticas, não é considerado o pior problema da Alemanha hoje em dia. As pessoas se preocupam mais em descobrir quem compactuou com a Alemanha Oriental, quando e como alguém teve contatos com o Leste. E não se trata necessariamente da STAS³. Recentemente, por exemplo, o *Frankfurter Allgemeine* publicou um artigo para difamar um dos três professores Marxistas atuantes na Alemanha Ocidental em '1968. Trata-se de uma das personalidades mais autênticas, amáveis e significativas da intelectualidade alemã deste século: Wolfgang Abendroth. Ele sobreviveu à guerra num batalhão penal, o que permitiu que cooperasse com os guerrilheiros gregos. Depois da guerra, se transferiu para a Alemanha Oriental, onde foi rotulado como inimigo do sistema, tendo que fugir de volta para a Alemanha Ocidental. Na época do silêncio tumular, durante o governo de Konrad Adenauer, ele foi um dos únicos a se referir à história mundial do movimento trabalhista. Um dos únicos a falar a verdade sem rodeios: uma vez ele disse que, se obrigassem os ministros da Alemanha Ocidental a usar seus distintivos do Partido Nazista ou da SA, então daria para ver que eles compunham a maioria do governo. E não é só isso. Uma das cabeças que arquitetaram o extermínio dos judeus na Europa, Globke, responsável pela criação da base legal para o holocausto, foi um dos membros e conselheiros mais importantes deste governo. Era mesmo um governo pós-fascista, composto por pessoas que simplesmente fizeram outras alianças, passaram para o lado norte-americano, sendo incorporadas em massa à nova ordem. Nesta época, Wolfgang Abendroth foi um dos únicos a dizer a verdade de maneira direta. Um dos únicos a advertir que Hitler não caiu da lua e, além disso, não venceu as eleições de 1933, mas só conseguiu chegar ao poder por causa de uma intriga dos conservadores, nacionalistas e grandes industriais.

Isso ainda dá muito pano para a manga. Não pensem que estou querendo dar uma de alemão pródigo. Esta não é a minha intenção. Só quero mostrar que 1968 teve uma

³ Serviço secreto da Alemanha Oriental.

conotação e um significado especiais na Alemanha. O fato de 1968 ter desestruturado o súdito guilhermino, que se tornara o súdito nazista, já é suficiente para garantir este movimento uma página de honra na história.

Por fim, gostaria de mencionar o que_ ainda daria para dizer sobre o tema; talvez ainda haja espaço para isso no debate. Como foi dito, este movimento tinha metas oficiais, explícitas e apelativas que, em grande parte, não foram atingidas. Por outro lado, ele teve um caráter subliminar com efeitos notáveis. Considero esta observação correta e inteligente. Infelizmente, esta idéia foi apagada pela mídia, mais interessada em divulgar imagens emocionantes das pancadarias. Este movimento teve grandes invenções, que deveriam ser incorporadas à tradição e passadas para as próximas gerações. Uma delas é a necessidade de exercer a cidadania de forma ativa. Para que a democracia não acabe por se degenerar num mero formalismo, e necessário haver um forte movimento de cidadãos ou uma oposição extraparlamentar, deno minada APO na época. Se não houver pressão de fora, o aparato político ganha mais destaque e o caráter democrático acaba se diluindo. Neste sentido, o

movimento de 1968 fez muitas descobertas, com uma fantasia incrível, e criou muitos canais de oposição pública. Inspiradas pela França, as pessoas queriam resgatar uma espécie de jacobinismo e reativar um movimento de clubes, que desempenhou uma grande função: eles se chamavam Club Républicain ou Club Voltaire... Devo admitir que devemos isso à França, pois na Alemanha não havia modelos tão fortes. Olhávamos com inveja para a França. Afinal, também queríamos estar, pelo menos uma vez, do lado da revolução e não da contra-revolução. Talvez fosse interessante falar dessas descobertas.

(Tradução de Simone Mello)